



SABERES EM MOVIMENTO: A CAPOEIRA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PIBID

Pedro Henrique da Silva ¹
Diego de Sousa Mendes ²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Educação Física da UFSJ, com foco na capoeira enquanto manifestação cultural, ato político e método de ensino. As atividades foram realizadas na Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa, com a turma do 6º ano/3, a partir de uma perspectiva que compreende o movimento corporal como expressão cultural e histórica. O plano de ensino foi composto por oito aulas, abordando temas como história da capoeira, ladinhas, camaradagem, resistência e identidade cultural afro-brasileira. As estratégias metodológicas envolveram dinâmicas lúdicas, criação coletiva, expressão artística, rodas de conversa e práticas corporais, incentivando o protagonismo estudantil e a valorização da cultura afro-brasileira. As evidências que fundamentam os resultados foram obtidas por meio de observação sistemática em sala de aula, registros escritos, anotações reflexivas e rodas de conversa com os estudantes, analisados qualitativamente. Além disso, o acompanhamento dos comportamentos ao final das intervenções revelou mudanças significativas nas percepções dos alunos: estudantes que inicialmente expressavam preconceito em relação à capoeira passaram a reconhecê-la como prática legítima e relevante, aqueles que nunca haviam tido oportunidade de praticá-la desenvolveram maior interesse e compreensão sobre sua história e significado. A desmistificação de estereótipos, realizada ao longo das aulas, possibilitou que os alunos compreendessem conceitos e valores associados à capoeira que antes desconheciam ou interpretavam de forma equivocada. Ao final do processo, constatou-se maior engajamento com os conteúdos, fortalecimento da consciência histórica e cultural e valorização das identidades negras, além do reconhecimento da capoeira como conteúdo relevante para a Educação Física escolar. A experiência reafirma o papel da capoeira como ferramenta educativa, cultural e política no ambiente escolar, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas e antirracistas.

Palavras-chave: Capoeira, Educação Física, Cultura Afro-brasileira, PIBID, Escola Pública

INTRODUÇÃO

A capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, constitui-se como prática corporal que articula luta, jogo, dança, música e espiritualidade, carregando sentidos históricos, sociais e políticos. Mais do que uma atividade física, representa resistência e

¹ Graduando do Curso de Educação Física/Licenciatura da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, pedrosilva32109@gmail.com;

² Professor orientador, Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, diegomendes@ufs.edu.br;



identidade, expressando valores culturais e educativos (NEIRA e NUNES, 2006). Historicamente, surgiu como prática de enfrentamento e afirmação das populações negras escravizadas no Brasil (ASSUNÇÃO, 2008). Apesar da obrigatoriedade da Lei 10.639/03, ainda são recorrentes nas escolas percepções distorcidas e práticas pedagógicas superficiais sobre a cultura afro-brasileira. Na turma em questão, identificou-se desconhecimento sobre a capoeira, além de preconceitos e estereótipos que reforçavam sua marginalização. Esse cenário justificou a elaboração de uma proposta pedagógica que abordasse a capoeira de forma crítica, cultural e histórica.

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Educação Física da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), realizada na Escola Estadual Cônego Osvaldo Lustosa, com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. A proposta teve como eixo central a capoeira enquanto manifestação cultural, ato político e método de ensino, explorando seu potencial educativo no desenvolvimento de conteúdos da Educação Física escolar. A experiência foi fundamentada na abordagem Crítico-Superadora, que compreende o movimento como expressão cultural dotada de sentido e significado, produzida no contexto sócio-histórico-cultural em que se insere (NEIRA e NUNES, 2006).

A justificativa da experiência está na relevância de práticas pedagógicas que promovam a valorização da cultura afro-brasileira, a construção de saberes coletivos e a desconstrução de estereótipos que historicamente marginalizam a capoeira. Assim, o objetivo geral foi desenvolver, ao longo de oito aulas, um processo de ensino-aprendizagem que reconhecesse a capoeira como conteúdo legítimo e significativo no currículo escolar. De forma específica, buscou-se:

- 1- Problematizar a capoeira enquanto expressão de resistência histórica e política.
- 2- Estimular o protagonismo estudantil por meio de práticas corporais, musicais e artísticas.
- 3- Promover reflexões sobre identidade cultural afro-brasileira no espaço escolar.

Como relatado por Assunção (2008), a capoeira proporciona uma nova identidade, razão pela qual se tornou tão importante no mundo globalizado. Ao longo do último meio século, a prática da capoeira se expandiu a partir de grupos relativamente limitados em termos de geografia, classe, gênero e etnia, alcançando um número cada vez maior de adeptos no





IX Seminário Nacional do PIBID

Brasil. Durante as décadas de 1980 e 1990, a capoeira se difundiu para a Europa Ocidental e os Estados Unidos, e hoje é praticada em países tão diversos como Austrália, Finlândia, Israel, Japão, Coreia, México, Moçambique, Polônia, Singapura, Suíça, África do Sul e Venezuela. Estimativas de 1998 já indicavam que cerca de 3 milhões de pessoas praticavam capoeira ao redor do mundo, número que vem crescendo desde então.

METODOLOGIA

O percurso metodológico deste trabalho foi estruturado como relato de experiência, com a realização de atividades pedagógicas baseadas na capoeira como manifestação cultural, educativa e política, desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ).

A turma com a qual as atividades foram realizadas pertence ao 6º ano do Ensino Fundamental, composta por aproximadamente 33 estudantes, com faixa etária entre 11 e 13 anos. Trata-se de um grupo heterogêneo, tanto em termos de desempenho acadêmico quanto de aspectos sociais e comportamentais. Durante as intervenções, observou-se boa receptividade às propostas pedagógicas, com interesse por atividades dinâmicas, expressões artísticas e discussões sobre temas sociais. Entretanto, foram identificados desafios relacionados à concentração, participação de alguns estudantes e convivência em grupo, exigindo estratégias que favorecessem o engajamento coletivo e a mediação de conflitos. A presença de estudantes com necessidades educacionais específicas reforçou a importância de práticas inclusivas, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem. De modo geral, a turma mostrou-se afetiva e acolhedora, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento das atividades propostas.

O trabalho ocorreu ao longo de oito aulas planejadas, divididas em dois momentos: período de observação, no qual foram registrados aspectos da rotina escolar, corpo docente e dinâmica da turma; e período de intervenção, com atividades estruturadas a partir da capoeira como eixo central de ensino. As aulas foram acompanhadas por meio de registros em diário de campo, com anotações qualitativas acerca das atividades, interações e aprendizagens, resguardando a identidade dos estudantes.



REFERENCIAL TEÓRICO

A intervenção foi fundamentada principalmente em Gladson de Oliveira Silva (2008), que diferencia a “capoeira na escola” voltada à dimensão técnica, e da “capoeira da escola”, aplicada com enfoque pedagógico, valorizando a vivência da prática mais do que a perfeição técnica”. Esse princípio orientou o planejamento das aulas, priorizando a compreensão do movimento, a participação ativa e a construção coletiva de saberes.

Complementando essa perspectiva, Matthias R. Assunção (2008) aborda a capoeira sob a ótica da história social e resistência afro-brasileira, enfatizando que a prática não é apenas técnica, mas carrega significados culturais, sociais e políticos. A presença da história na roda, nos gestos e nas saudações, permite aos estudantes compreender a profundidade cultural da capoeira e o valor de sua tradição. Já Neira & Nunes (2006) contribuem com a pedagogia da cultura corporal, destacando que o movimento possui sentido e significado dentro de um contexto sociocultural, fornecendo subsídios para atividades inclusivas e participativas, capazes de respeitar diferentes ritmos de aprendizagem e favorecer a conscientização crítica.

Outros estudos reforçam a integração da capoeira no espaço escolar, servindo como suporte teórico e referência prática. Carlos Rodrigues Brandão (1984) contribui com a compreensão de folclore e manifestações culturais, situando a capoeira dentro de um contexto cultural mais amplo, Carmen Lúcia Soares (2005) discute a presença da capoeira no currículo escolar, reforçando a importância de sua inserção pedagógica, e Leda Maria Oliveira (2012) enfatiza a capoeira como cultura e movimento dentro do ensino formal, demonstrando como a prática pode dialogar com a educação contemporânea.

Dessa forma, o planejamento das aulas buscou integrar aspectos históricos, culturais, sociais e técnicos da capoeira, proporcionando aos estudantes experiências significativas de aprendizado. As atividades envolveram o desenvolvimento de movimentos corporais, vivências musicais e participação em roda de capoeira, de forma a consolidar não apenas habilidades físicas, mas também valores de cooperação, respeito, diversidade e valorização cultural, alinhados com os princípios pedagógicos mencionados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Diante da contextualização do trabalho desenvolvido no âmbito do PIBID em Educação Física e de como o processo de ensino-aprendizagem foi estruturado com a capoeira como eixo central, cabe agora compreender como se deu a experiência ao longo das oito intervenções realizadas. Os resultados foram analisados em relação aos objetivos da intervenção, abordando a valorização cultural, compreensão histórica da capoeira e desenvolvimento do protagonismo dos alunos.

As aulas foram planejadas com objetivos previamente definidos, buscando que os estudantes experimentassem, compreendessem e se relacionassem com a capoeira enquanto prática corporal, expressão cultural e instrumento de aprendizagem. Além disso, a proposta teve como finalidade promover a percepção da capoeira como forma de resistência cultural e expressão social, conectando os movimentos corporais, a música, a roda e as tradições à realidade dos estudantes. Procurou-se que os alunos reconhecessem a própria corporeidade em relação ao grupo, desenvolvessem habilidades de cooperação e respeito, e pudessem criar e vivenciar sua própria expressão na prática da capoeira, seja nos movimentos, nos cantos, nas saudações ou na participação nas rodas.

Através dessas afirmações, a primeira intervenção buscou apresentar a capoeira à turma. Iniciou-se com a exibição de um vídeo que discutia questões como “capoeira é dança, luta ou brincadeira?” e diferenças entre Angola e Regional.

Em seguida, foi realizada a brincadeira “Morto-vivo da capoeira”, na qual os comandos tradicionais do jogo foram adaptados para movimentos básicos da modalidade, como a cocorinha e o caranguejo. A proposta, além de despertar a curiosidade dos alunos, favoreceu um primeiro contato lúdico com a capoeira, estimulando a atenção, a agilidade e a coordenação motora. Essa atividade também contribuiu para que os participantes percebessem que, na capoeira, até mesmo as brincadeiras carregam elementos da prática, possibilitando uma aproximação inicial com sua riqueza corporal e cultural.

A aula foi encerrada com uma roda de conversa, espaço no qual os alunos puderam compartilhar suas impressões sobre a vivência, levantar dúvidas e expressar curiosidades em relação à capoeira. Esse momento de diálogo favoreceu a escuta atenta e a valorização da voz dos estudantes, permitindo que cada um relacionasse a experiência prática com seus próprios





saberes e percepções. Além disso, a roda fortaleceu o sentimento de pertencimento e abriu caminho para que a aprendizagem fosse construída de forma coletiva e participativa.

Na segunda aula, os estudantes foram convidados a realizar um desenho livre a partir da palavra “capoeira”, dando forma às imagens e sentimentos que ela despertava em cada um. A proposta teve como objetivo não apenas estimular a expressão criativa, mas também identificar as percepções iniciais que os alunos possuíam sobre a prática. As produções revelaram um imaginário diverso: alguns registros destacaram movimentos característicos e cenas de jogo, outros trouxeram elementos culturais associados à roda, e houve até representações inspiradas na figura do professor. Esse momento evidenciou como a capoeira, mesmo antes da vivência corporal mais aprofundada, já se apresenta como um campo fértil de significados e de construção simbólica entre os estudantes.

Uma das alunas, que inicialmente demonstrava resistência em se envolver nas atividades, acabou participando da proposta. Seu desenho, ainda que destoante da temática da capoeira, representou um marco significativo: revelou sua abertura para integrar-se ao processo coletivo e sinalizou um primeiro passo em direção ao engajamento com a prática. Esse momento evidenciou que, mais do que o produto final, o essencial foi a possibilidade de acolher diferentes formas de expressão, respeitando o tempo e o percurso de cada estudante.

Na semana seguinte, já na terceira aula, a proposta consistiu em introduzir a musicalidade da capoeira a partir da apresentação de uma ladinha tradicional, intitulada “Sinhazinha”. Esse momento inicial não se restringiu apenas ao canto, mas abriu espaço para a vivência do ritmo, da escuta e da coletividade que a capoeira proporciona.

Em seguida, os alunos foram convidados a criar, de forma coletiva, versos próprios, exercitando a imaginação, a oralidade e a improvisação, aspectos centrais na tradição da capoeira. Apesar de alguns instantes de dispersão característicos do ambiente escolar, o engajamento foi expressivo, revelando diferentes formas de participação. A culminância se deu quando cada grupo compartilhou uma história construída a partir de experiências pessoais dos integrantes, mostrando que a música, para além de acompanhar o jogo, também pode ser um veículo de memória, identidade e pertencimento.

Na quarta aula, por meio da brincadeira “Zerinho”, buscou-se enfatizar o valor da coletividade, reforçando a ideia de que a capoeira não se joga sozinho, mas em constante diálogo com o outro. A atividade teve início de forma individual, em que cada aluno deveria



passar por debaixo da corda conduzida pelo professor. Em seguida, a proposta foi se tornando mais desafiadora: primeiro em duplas, depois em trios. Esse processo exigiu dos participantes não apenas atenção e coordenação motora, mas também diálogo, cooperação e confiança mútua. A cada nova etapa, os alunos eram convidados a escolher seus parceiros, o que ampliava o senso de pertencimento e fortalecia vínculos dentro do grupo. Assim, a brincadeira funcionou como metáfora do próprio jogo de capoeira, em que o movimento só ganha sentido quando há interação, sintonia e construção coletiva.

Posteriormente, a atividade “Leva para Palmares” foi utilizada como recurso lúdico para introduzir reflexões sobre os quilombos e as estratégias de resistência dos povos negros escravizados. A dinâmica consistiu em formar duplas: um aluno assumia o papel de condutor, enquanto o outro, de olhos fechados, era conduzido. O objetivo era alcançar um colega que representava aquele que fugia em direção à liberdade. A brincadeira, além de estimular coordenação, confiança e cooperação, buscou criar uma analogia com o contexto escravocrata, no qual homens e mulheres negros, muitas vezes sem conhecer bem o território, precisavam desenvolver táticas coletivas de fuga e proteção para chegar aos quilombos. Dessa forma, a atividade possibilitou um aprendizado que ultrapassa o aspecto físico, aproximando os estudantes das dimensões históricas e políticas da capoeira como expressão de resistência e liberdade.

Na aula 5 a turma foi instigada a retomar os conteúdos da aula anterior por meio de novas perguntas sobre o que sabiam a respeito dos quilombos. As respostas revelaram um avanço significativo na compreensão do tema: os alunos passaram a relacionar os quilombos não apenas como locais de refúgio, mas como espaços de sobrevivência e resistência. Surgiram associações com casas para morar, montanhas e árvores que serviam de abrigo e estratégias de esconderijo, além da importância dos alimentos para garantir a subsistência.

Em sequência, os alunos foram desafiados a construir, de forma coletiva, desenhos que representassem os quilombos. Para chegar até o espaço da produção artística, percorreram um pequeno trajeto realizando movimentos de capoeira, como o aú, integrando assim o aspecto corporal à atividade. Ao final do percurso, encontraram canetas no chão e, ao lado, um cartaz destinado a cada equipe. A dinâmica funcionava em rodízio: cada aluno tinha um tempo determinado para iniciar o desenho, passando em seguida a vez para o próximo colega, que continuava a produção. Dessa maneira, o cartaz ia sendo preenchido pouco a pouco,



revelando não apenas a criatividade individual, mas também a construção coletiva de sentidos sobre os quilombos, unindo corpo, memória e expressão artística em um mesmo processo.

Na sexta aula, com a brincadeira “Gogó de Ouro”, buscou-se trabalhar principalmente a coordenação motora e a cooperação entre os alunos. Divididos em duas equipes, eles precisavam atravessar um trajeto com obstáculos executando movimentos de capoeira, o que exigia atenção, agilidade e criatividade corporal. Diferente da proposta da aula anterior, essa dinâmica incorporou um caráter competitivo, estimulando também estratégias coletivas dentro de cada grupo. No entanto, o momento mais rico se deu na roda de conversa final, quando a experiência foi ressignificada: apesar da competição, emergiram reflexões sobre a importância do respeito às regras, da ética nas relações e do reconhecimento da coletividade como valor central, tanto no jogo da capoeira quanto na vida em grupo.

Na aula sete, a turma vivenciou a brincadeira “Compre o jogo”, em que duplas deveriam gingar de forma disfarçada, parecendo uma dança, enquanto eu atuava simbolicamente como “Capitão do Mato”, observando os movimentos. A dinâmica incluía ainda um “fugitivo” e um “pegador”, que se alternavam conforme o jogo se desenrolava. Para facilitar a compreensão, a atividade foi organizada em etapas: antes de iniciá-la, os alunos participaram de uma roda de conversa e observaram alguns movimentos de capoeira, como a cabeçada e o caranguejo. Embora não soubessem nomeá-los, demonstraram interesse e tentaram reproduzi-los, o que contribuiu para contextualizar e engajar a turma na proposta.

Na sequência, apresentei aos alunos a ginga e a ideia de “comprar o jogo”, priorizando uma abordagem flexível que valorizasse a criatividade e o aspecto lúdico da capoeira. Para consolidar o aprendizado, propus uma corrida utilizando esses movimentos, mas a atividade acabou se transformando em uma corrida convencional.

Após o momento inicial de descontração, apresentei a atividade principal da aula: a brincadeira “Compre o jogo”, voltada para estimular a observação, a improvisação e a interação na capoeira. Os alunos, já familiarizados com a ginga, organizaram-se em duplas e receberam as orientações sobre regras e objetivos. Diante de algumas dúvidas, reforcei as instruções para garantir a compreensão de todos. A atividade ocorreu de forma participativa, com envolvimento significativo da turma.

Na última aula das intervenções, realizei com os alunos uma roda de capoeira, integrando os elementos trabalhados ao longo do processo. Após formar a roda e iniciar com





o toque do berimbau, retomei a musicalidade por meio de um verso simples: “Eu já soltei pipa, eu já joguei bola, hoje eu pratico capoeira na escola”, que foi rapidamente assimilado e cantado com entusiasmo. Em seguida, apresentei a estrutura das palmas no ritmo da capoeira Angola, utilizando a contagem “um, dois, descansa...” como recurso didático.

Com a junção do canto e das palmas, estimulei a turma a refletir sobre o que poderíamos construir a partir desses elementos. A resposta surgiu de forma espontânea: os próprios alunos sugeriram combiná-los, iniciando um momento de construção coletiva que, pouco a pouco, ganhou segurança e entrosamento. Esse envolvimento demonstrou que, em parte, os fundamentos da roda de capoeira foram assimilados, marcando simbolicamente o encerramento das atividades com uma experiência de pertencimento e coletividade.

Na sequência, apresentei alguns instrumentos musicais tradicionais da capoeira. Levei um berimbau viola, explicando sua sonoridade mais aguda e sua função de improvisação, em contraste com o berimbau gunga (grave) e o médio (intermediário), que juntos estruturam a base rítmica da roda. Mostrei também o pandeiro, destacando sua importância na sustentação do ritmo e as variações possíveis a partir de diferentes técnicas de execução.

Alguns alunos já tinham familiaridade com o pandeiro e se voluntariaram a tocá-lo, o que permitiu valorizar saberes prévios e estimular o protagonismo estudantil. A partir dessa participação, promovemos uma reflexão sobre a coletividade na roda, ressaltando que a capoeira só acontece de forma plena quando há cooperação, escuta e reconhecimento mútuo.

Na última intervenção, trabalhei com os alunos o princípio de que a capoeira é um jogo coletivo, baseado em diálogo e respeito, e não em disputa. A roda se desenvolveu com canto, toques e jogos, inicialmente tímidos, mas que evoluíram para maior envolvimento e espontaneidade, culminando no pedido dos próprios alunos para jogarem comigo.

Através das intervenções, observou-se que as estratégias lúdicas e dialogadas favoreceram a participação de estudantes que, inicialmente, se mostravam resistentes ou pouco motivados. A abordagem baseada na cultura corporal permitiu que os alunos ressignificassem percepções equivocadas sobre a capoeira, demonstrando que práticas corporais culturalmente situadas ampliam a compreensão crítica e fortalecem a identidade afro-brasileira no contexto escolar (NEIRA; NUNES, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

X ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS IX SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID

A experiência demonstrou a importância de trabalhar a cultura dentro das escolas desde a base, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer e vivenciar aspectos culturais que muitas vezes não fazem parte de seu cotidiano. A intervenção com capoeira impactou significativamente a turma, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também a compreensão de temas socioculturais, como a história dos quilombos.

Através da Educação Física, os estudantes puderam aprender na prática, discutir e vivenciar conhecimentos que antes não haviam acessado. Esse resultado reforça a relevância de integrar cultura, educação e cidadania nas práticas escolares e sugere que novas intervenções e pesquisas continuem explorando o potencial pedagógico da capoeira e de outras manifestações culturais no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

NEIRA, M.; NUNES, M. *Pedagogia da Cultura Corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. *Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania*. São Paulo: Phorte, 2008.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Martial Art*. 2. ed. New York: Routledge, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOARES, Carmen Lúcia. *Corpo e cultura: a capoeira no currículo escolar*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 3, 2005.

OLIVEIRA, Leda Maria. *Capoeira na escola: cultura e movimento*. Campinas: Papirus, 2012.